

A fila da ilusão

Acompanhando quase tudo o que nos últimos tempos vem ocorrendo com o ensino público paulista, a matrícula no ciclo básico do primeiro grau começou de forma tumultuada. Em algumas escolas houve filas às vezes com dezenas de pais que, na calçada da escola, disputavam, horas seguidas, o direito de oferecer ao filho o que se convencionou chamar de oportunidades iguais para todos — base de qualquer sistema democrático que deu certo.

Esse cenário é tão preocupante quanto enganoso, quase ilusório. Os que dele concluírem que "falta escola" devem ser informados de que São Paulo possui uma rede física capaz de acolher mais de 97% de sua clientela escolar, conforme se incumbiu de confirmar o IBGE. Os prédios escolares existem em número mais do que suficiente para atender à demanda. Aqueles que argumentam em contrário ou são desinformados ou podem estar a serviço de algum tipo de interesse. A fila, no entanto, existe e é prova de que algo não anda bem no sistema escolar paulista.

Antes de mais nada, é preciso ter presente que na última semana de janeiro a Secretaria da Educação fechou números definitivos sobre a clientela, concluindo que o número de alunos matriculados caíra em 25.539 do ano passado para este. Esse resultado pode ser visto como resultado da vigilância ao "aluno fantasma" e da ação impeditiva do artifício de superestimar matrículas. Aumentando-se artificialmente o número de alunos, mascarava-se a evasão e se escondia a diminuição do "tamanho" da escola, impedindo-se fosse afetado o salário do diretor, conforme princípio estabelecido pela reforma de 1991. Cada escola fazia o possível para manter seu número de matrículas, não desprezando publicidade direta, como as faixas que se podia ver na porta da maioria delas no final de 1992.

É provável que idêntico fato esteja ocorrendo este ano. Algumas escolas praticaram ao longo do ano um curioso marketing de suas possibilidades. O resultado

dessa política pode ser visto nas filas dos pais que acreditaram na publicidade, muito dirigida, da escola pública que é melhor que a outra escola pública!

É fato que essa mudança da clientela da rede de uma escola

para outra pode ser benéfica, se estiver motivada pela procura de qualidade. Em janeiro de 1992, das 404 mil transferências realizadas, 332 mil delas foram de estudantes vindos de outras escolas es-

taduais. Parte considerável dessas transferências buscava qualidade, mas parcela nada desprezível delas era fruto de migração interna, de um fluxo da população que se move em torno do emprego possível do pai de família.

É curioso observar como o setor econômico que escapa da recessão provoca em torno de si uma explosão geográfica de demanda escolar, que deixa um rastro de "carteiras vazias" nas áreas de origem dessa clientela. Esse fenômeno sempre existiu, e a Secretaria da Educação já o enfrentou de forma sensata, oferecendo condução para essa clientela sazonal ser atendida onde existem vagas disponíveis, consciente de que, com certeza, essa clientela ainda vai "migrar" outras vezes em sua passagem pela rede. Tirar conclusões apressadas dessas filas pode construir erros graves.

Por outro lado, no caso de essas filas se terem formado mesmo pela "busca" de qualidade, o fato também é preocupante. Porque a ansiedade tem grandes probabilidades de se transformar em frustração. O último relatório da Fuvest, relatado pelo Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação da USP, informa que o número de alunos que entraram naquela universidade vindos das escolas particulares está aumentando de forma impressionante: 67,53% contra 30,67% da clientela oriunda da escola pública. Ao longo de toda a década dos 80, a USP sempre recebeu mais de 40% de seus alunos vindos do ensino oficial. O pai de aluno que acreditou na publicidade de que a escola pública, no governo Fleury, seria "passada a limpo" terá qual comportamento quando descobrir que isso não aconteceu?

O fenômeno das filas nas escolas públicas pode ter significado diverso do que se supõe de início

29 NOV 1992
ESTADO DE SÃO PAULO